

SOCIEDADE, CULTURA E FENÓMENOS LITERÁRIOS — PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS COMPARADOS EM MACAU

*Ana Paula Laborinho **

1. A LITERATURA E OS ESTUDOS COMPARADOS INTERCULTURAIS

No debate sobre os problemas do bilinguismo é pertinente incluir uma reflexão sobre as relações interculturais e a complexidade que assumem nas sociedades multiculturais.

De facto, tornou-se um lugar comum associar Macau ao encontro de culturas o que se revela uma constatação da nossa experiência quotidiana de transeuntes, mas ao mesmo tempo encerra um programa que é ambição e sonho de manter esse encontro em actividade. Deixo para os antropólogos, sociólogos e filósofos as considerações sobre miscigenação e convivência de culturas em Macau. Alguns estudos têm sido feitos e os resultados revelam que não é em vão que se proclama a riqueza e interesse do fenómeno cultural que este Território representa.

Pretendo aqui trazer alguns pontos de vista sobre literatura e estudos literários sublinhando o modo como Macau determina orientações que podem ser diversas de outra qualquer parte do mundo. Com efeito, literatura, língua e cultura são três noções que admitimos não serem sobreponíveis, mas é comum verificar-se a propensão para estabelecer uma homologia entre língua e literatura de que resulta um conceito de literatura nacional muito abrangente e por isso com tendência para menosprezar a diversidade dos conceitos culturais em que é produzida. Trata-se de uma questão que afecta em particular a literatura dos países que tiveram uma expansão colonial de que resultaram produções literárias que

* Assistente do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade de Macau

Presidente da Associação de Literatura Comparada de Macau.

utilizam a mesma língua, mas possuem características distintas das literaturas matríciais. Nesse sentido, distinguimos actualmente a literatura portuguesa das literaturas de expressão portuguesa em que se incluem as diversas literaturas africanas, para não falar da literatura brasileira que ganhou a sua autonomia praticamente a par da independência.

Tudo isto prova que um terreno aparentemente inócuo como a literatura estabelece fortes implicações com o domínio político, pois de alguma forma ajuda a delimitar o espaço nacional. Não nos vamos deter nesta vasta e problemática questão sobre a qual se está longe de conseguir consenso, sendo invocados para definir a nacionalidade literária desde os critérios da formação cultural, exercício linguístico, nacionalidade de opção do autor, até parâmetros mais razoavelmente intra-literários como os distanciamentos e as rupturas produzidas no sistema literário que lhe serve de modelo¹.

Além dos problemas decorrentes da definição de literatura nacional, importa notar como as sociedades multiculturais praticam uma aproximação e confronto de que resulta a diferença em geral a que chamamos miscenização. Se analisarmos alguma literatura de Macau (desde o banalizado caso de Camilo Pessanha, passando por narradores de final do século como Adolfo Loureiro, Sam Bruno, Sant'Elmo, Jaime do Inso, até aos recentes prosadores como Senna Fernandes, ou algumas obras de Ondina Braga) concluimos que algumas diferenças existem relativamente à matriz portuguesa, e não são apenas temáticas.

Será bastante arriscado e insuficientemente reflectido avançar com o conceito de literatura macaense: nem o *corpus* está determinado,² nem as suas características se encontram indentificadas². No âmbito do programa de mestrado em Estudos Luso-Asiáticos da Universidade de Macau, decorreram alguns cursos que preferiram a designação «Macau na Literatura», dando

¹ Acerca da questão do «nacional» em literatura, ver o artigo de síntese de Walter Mignolo, «Canon and Corpus: an alternative view of comparative literary studies in colonial situations», publicado em *Dedalus. Revista Portuguesa de Literatura Comparada* (n.º 1, Dezembro 1991). Além de problematizar as relações entre comunidades culturais e comunidades linguísticas, sistemas literários dominantes e dominados, Mignolo apresenta uma extensa bibliografia sobre o assunto.

² Na intervenção que proferiu no II Congresso de Escritores Portugueses realizado em Novembro de 1990, Graciete Batalha ponderava: «Disse literatura de Macau e não literatura macaense, porque de macaense é mais a temática do que a autoria. Os autores são geralmente escritores que por Macau passaram com maior ou menor demora, mas aos quais a originalidade ou a magia do caso único que é Macau tocou na «corda sensível». Ou então pessoas que aí se radicaram para uma vida, como eu própria. De escritores macaenses vivos, espectadores, portanto, e
(Continua na página seguinte)

especial ênfase à Literatura Portuguesa. Trata-se, porém, dos primeiros passos de uma abordagem que merece uma investigação mais alargada, não só ao campo de outras literaturas (por exemplo, de expressão chinesa e inglesa) nas quais Macau também aparece representado, mas integrando o contributo de investigadores de outras universidades, nomeadamente Taiwan, EUA — Carolina do Norte e Alemanha — Colónia, onde sabemos que o tema de Macau tem sido estudado.

Não sendo ainda possível determinar a existência de uma literatura especificamente macaense, revela-se da maior importância os contactos entre Ocidente e Oriente que Macau permite. Ainda que possa não existir o conglomerado de marcas literárias que determinem uma identidade própria — quer dizer, uma literatura nacional — há traços distintivos que passam nomeadamente pelo confronto com a «paisagem» oriental. Utilizo o termo «paisagem» no sentido limite da sua espacialização — corte transversal que permite vislumbrar diferentes extractos da problemática inter-cultural: não apenas o contacto visionário do escritor com a complexa realidade de Macau, mas também questões sistémicas como a aproximação à literatura e filosofia chinesas.

Se é verdade que toda a literatura é sempre uma teoria da literatura no sentido da problematização que gera, podemos afirmar que acabámos de enunciar um programa privilegiado para os estudos literários em Macau. De facto, as sociedades multiculturais revelam uma particular apetência para os estudos comparados (v.g. o que acontece com o direito português e chinês), pois constituem lugares estratégicos de observação ao permitirem trocas e confrontos entre espaços estrangeiros. Neste quadro, parece tornar-se mais explícito o que entendemos por «comparar» e «comparativo», pois não se trata apenas de reconhecer as identidades mas igualmente determinar os contrastes.

No caso da literatura, o primeiro entendimento dos estudos comparados, ainda em finais do século XIX quando a disciplina se constituiu, assentava na noção de influência, o que pressupunha o contacto entre literaturas nacionais. Geralmente essas influências acompanhavam processos de dominação política e económica e, por isso, não eram reversíveis. No Oriente, temos o caso dos escritores coreanos e japoneses que, no passado, receberam a influência artística da China ainda que o contrário não tenha acontecido. Por

(Continuação da página anterior)

participantes, neste virar do século, apenas poderei citar dois: Senna Fernandes, contista e romancista, e José dos Santos Ferreira, poeta de características populares (...), pois se exprime essencialmente na escrita, na velha «língua de Macau» ou língua macaísta (*lingu maquista*), o dialecto português antigo que em Macau foi falado durante séculos, que Santos Ferreira aprendeu na infância com seus pais e avós e que hoje já quase ninguém fala.» (*Revista de Cultura*, Instituto Cultural de Macau (n.º 15, Julho/Setembro 1991).

sua vez, a China recebeu da Índia elementos que integrou na sua ficção (v.g. a literatura budista), embora tenha sido a China o país que exerceu a sua hegemonia cultural durante mais tempo³.

Estes estudos de influência — que pressupõem o contacto directo entre povos e por isso constituem um âmbito muito restrito — foram postergados e minimizados pelos estudos literários a partir do desenvolvimento da linguística, nos anos 20, e do contributo que o formalismo deu à teoria da literatura que passou a interessar-se pela arquitectura da obra abandonando as investigações mais ou menos subjectivas sobre os autores. Contudo, nos anos 70, a escola alemã consegue recuperar a vitalidade desse tipo de pesquisas por via de uma reformulação teórica aprofundada que muito contribuirá para a própria renovação da Literatura Comparada. Em vez das especulações vagas sobre o modo como se dão as repercussões de um autor e de uma obra no espaço estrangeiro, o investigador passou a fazer a história do modo como se dá essa repercussão do ponto de vista da recepção (por exemplo, através das traduções, da crítica, dos prefácios), interligando os resultados com o perfil da literatura nacional. De acordo com este programa, trata-se de observar de forma sistemática como se pratica a relação com a alteridade — a literatura estrangeira — e o efeito diferencial que provoca na identidade literária⁴).

Esta renovação introduzida pela estética da recepção vai juntar-se a um longo debate efectuado durante a travessia do deserto que a Literatura Comparada fez praticamente até final da década de 60. Considerada uma disciplina psicologista e pouco científica durante o período em que os estudos literários se encontravam sob o signo do estruturalismo e da semiótica, e se constituiu a chamada ciência do texto que orienta o seu interesse para a produção de sentido — a Literatura Comparada vai

³ Este tipo de processos são designados por Claudine Salmon «migrações literárias», título aliás de uma colecção de estudos sobre a penetração da literatura chinesa nos países vizinhos entre os séculos XVII e XX (Salmon 199.7).

Tratando-se de uma historiadora, o seu objectivo é simultaneamente de interesse sociológico e literário, visto que é possível estudar as mentalidades destes países ou de fracções da sua população através do percurso das obras chinesas, primeiro recebidas e lidas pelos intelectuais que dominavam a língua erudita, depois traduzidas e finalmente adaptadas e imitadas, passando por isso a integrar o sistema literário nacional.

Claudine Salmon, investigadora do Centro Nacional de Investigação Científica de Paris, promoveu um seminário sobre este tema na Universidade de Macau (Outubro de 1991) no âmbito do Mestrado em Estudos Luso-Asiáticos.

⁴ A este propósito, o manual de Gerhard Kaiser (1980) é bastante elucidativo tanto mais que se trata de um investigador alemão, espaço onde os estudos de recepção tiveram particular fortuna. A título de exemplo, Kaiser apresenta o caso da recepção alemã de Proust e cita abundante bibliografia sobre estudos similares.

conseguir a sua regeneração por efeito da crise congénita que experimentou.

Podemos afirmar que esse estado de crise se tornou a condição essencial para a actual vitalidade, pois ao interrogar os seus objectivos e metodologias determinou uma reflexão sobre os próprios estudos literários e as suas novas orientações. Como resultado, a Literatura Comparada deixou de ser uma teoria (um conjunto de pressupostos para abordar o literário acrescidos de uma metodologia) para se transformar numa perspectiva e num território que acolhe todos os debates teóricos⁵. Neste último sentido, quase se poderia prescindir do termo «comparada», visto que o objecto desta disciplina é a reflexão sobre os fenómenos literários em geral. No entanto, ainda que seja considerado inadequado e propício a mal-entendidos (entre os quais a ideia de que só se pode comparar o idêntico), o adjectivo revela-se fundamental para sublinhar a perspectiva que orienta este tipo de abordagem. Trata-se de estudar a literatura de um ponto de vista internacional, quer dizer, pretende-se estudar o estrangeiro — a alteridade — nas suas componentes de harmonização e conflito. Se a teoria é sempre o domínio do geral, esta perspectiva internacional é a sua condição necessária — e quanto mais alargado for o campo de investigação, mais se promoverá o conhecimento da literatura universal.

2. DA LITERATURA UNIVERSAL AOS UNIVERSAIS DA LITERATURA — O CONTRIBUTO ORIENTAL

A ideia de uma literatura universal pode ser encontrada em tempos bastante remotos e anteriores ao moderno conceito de teoria literária. Já os humanistas e renascentistas imaginavam uma «Respublica litteraria» que significava um espaço comum de unidade, solidariedade e troca cultural. Contudo, foi o poeta alemão Goethe (1749-1832) quem criou o termo atribuindo-lhe um sentido que engendrará a reflexão que vem até aos nossos dias. No princípio do século XIX, esta literatura universal (Weltliteratur) significava um conhecimento literário que fosse a selecção das obras

⁵ Adrian Marino, em obra publicada em 1988, que constitui um dos mais completos pontos de situação da disciplina, diz o seguinte:

«Deixar as antigas orientações historicistas positivistas, *académicas* que a disciplina possuía, e inflectir num sentido *teórico* para a teoria da literatura, e *militante* para uma implicação directa com a actualidade ideológica da nossa época, por um duplo movimento de conversão e modernização, tal é o actual objectivo.» (Marino 1988:5).

Os sentidos *teórico* e *militante* que Marino refere traduzem as duas orientações fundamentais que concorrem actualmente para a Literatura Comparada, enquanto perspectiva de abordagem: por um lado, ela deve manter o seu estado de crise que assegura a permanente discussão teórica; por outro lado, o ponto de vista intercultural assegura o seu sentido militante e constitui uma espécie de teste à pertinência da teoria.

mais belas do património mundial. Esta noção de universal aparecia ligada às próprias condições técnicas e económicas determinadas pela industrialização capitalista que conduziu a um aumento da circulação e uma intensificação do intercâmbio internacional que se estende também ao plano cultural. Em consequência, o processo literário no seu sentido universal, tende a abranger todas as literaturas, embora na prática a concepção que Goethe possuía deste fenómeno se limitasse ao modelo europeu.

Ao defender um conceito de literatura enquanto intercâmbio e tráfico entre as várias literaturas, em paralelo com as trocas que se efectuavam no domínio económico, Goethe pretendia sobretudo enriquecer a literatura alemã através do contacto com as literaturas e culturas não-europeias, com especial destaque para as literaturas asiáticas. Este programa apresentava-se assim como uma das primeiras manifestações do exotismo que marcará todo o século XIX e que se caracteriza, enquanto atitude mental, pela desvalorização da cultura eurocêntrica sem que tal signifique um real interesse e conhecimento das culturas excêntricas.

Do mesmo modo que o sistema capitalista vai acumular riqueza através de uma troca desigual com os países colonizados, também o orientalismo alemão, que depois invadirá toda a Europa, consiste no aproveitamento de textos, mitos, ideias, termos importados do Oriente através da França e da Inglaterra imperial. Trata-se pois de uma apropriação que deriva de estereótipos falsificadores da realidade, pelo que o exotismo se encontra indelevelmente ligado à ascensão dos impérios coloniais⁶.

Ora não é neste sentido — exótico — que a Literatura Comparada assume a sua condição de universal. Trata-se de um projecto de conhecimento que pretende sublinhar a necessidade de uma visão global integradora de semelhanças e diferenças pelo que se apresenta como um conceito dinâmico.

Toda a teoria literária assenta na ideia implícita de que as generalizações são válidas «universalmente», mas esta hipótese só pode ser demonstrada pela comparação intercultural. Até há pouco tempo, a Literatura Comparada não conseguia ultrapassar as fronteiras intraculturais visto que os estudos e a produção de teoria apenas consideravam o espaço cultural comum à Europa e aos Estados Unidos⁷.

⁶ A este propósito, ver a obra fundamental de Edward Said, *Orientalism* (New York, 1978), em que se faz a crítica do exotismo mostrando que se tratou de uma criação ocidental ligada a uma fase de acumulação de riqueza do sistema capitalista.

⁷ Em 1950, Gerhard Kaiser ainda afirma que «uma limitação do conceito de literatura universal ao campo europeu é ainda hoje em dia justificável apenas por uma questão pragmática (...)» (Kaiser 1950-60).

O crescimento económico do Japão, o fim das dominações coloniais e a revolução chinesa que igualmente pôs termo a um domínio estrangeiro, levaram o mundo ocidental a interessar-se por essa parte do mundo que só conheciam através das imagens visionárias dos viajantes ocidentais. A inversão desta atitude de menosprezo pelas literaturas , em particular as literaturas asiáticas, teve que começar pela desmitificação do orientalismo, «atavismo vicioso do imperialismo» como lhe chama um dos seus maiores críticos (Said 1978), mas servia para expressar uma condescendente curiosidade que apenas captava algumas imagens e aquilo que culturalmente se apresentava como idêntico, quer dizer, compreensível.

Do mesmo modo, também o Japão e a China se refugiaram em atitudes xenófobas e, até à sua abertura ao ocidente, não revelaram qualquer interesse por um verdadeiro conhecimento. Felizmente estamos em tempo de mudança, embora apareça por vezes o perigo contrário ao fechamento que é, por exemplo, a ideia de uma literatura desprovida de nacionalidade tendente a ignorar os traços distintivos. Devemos evitar a sedução fácil de reduzir o diverso ao semelhante: a presença ou ausência de certos fenómenos nos diferentes sistemas literários é um prometedora ponto de partida para os estudos interculturais.

Contudo, apesar de insistirmos no relativismo e no reconhecimento da diferença, é de salientar que a procura das invariantes e constantes, quer dizer, os elementos de unidade, permanência e universalidade no tempo, são também uma ambição da teoria literária (Marino 1988). Não se trata de obter conclusões absolutas e certezas indubitáveis, mas de uma utopia comum a todo o trabalho teórico: conseguir explicar o maior número de fenómenos através do menor número de proposições. Assim, o conhecimento da diferença e o relativismo introduzidos pelo diálogo intercultural deve constituir uma fase do processo de generalização que configura o horizonte desta investigação.

O confronto entre as poéticas do ocidente e do extremo-orientes está na raiz de todas as interrogações sobre a possibilidade de uma poética comparada, quer dizer, a elaboração de uma teoria da literatura que integra uma visão global.

Desde os anos 50 que esta questão ocupa os comparatistas como é testemunhado pelos temas de alguns congressos da ICLA (Associação Internacional de Literatura Comparada). É o caso do IV Congresso (1964) subordinado ao tema «As literaturas do extremo-orientes e as suas relações com as literaturas ocidentais»; no X Congresso (1982), com o tema geral «Poéticas comparadas», constituiu-se uma secção sobre «Os sistemas poéticos orientais e ocidentais»; finalmente, no último Congresso (1991), realizado em Tóquio, além dos numerosos trabalhos sobre questões interculturais ocidente/orientes, a forte participação de investigadores asiáticos (o

espaço chinês apresentou 90 comunicações) possibilitou uma discussão alargada ao contributo asiático e criou perspectivas optimistas de se realizar o projecto de uma literatura universal no seu sentido mais crítico e inovador.

Assim, estamos muito longe da ideia de universal como soma das literaturas nacionais ou selecção de um património mundial. Caminha-se agora para um conceito de universal que assenta no projecto teórico de uma tipologia das invariantes (os universais) formuladas por meio de uma atitude comparatista⁸.

3. PERSPECTIVAS DA LITERATURA COMPARADA NO ESPAÇO CHINÊS (TAIWAN, HONG KONG, RPC E MACAU)

Se o Ocidente ofereceu alguma resistência à integração de uma visão global que ultrapasse uma teoria essencialmente eurocêntrica, também a teoria crítica ocidental foi recebida na China como um discurso colonial⁹. Contudo, a proximidade de Taiwan e Hong Kong, assim como a abertura verificada após a Revolução Cultural fizeram explodir na RPC o interesse pelas literaturas ocidentais, o que arrastou um igual desejo de conhecimento das suas teorias literárias. Apesar da Literatura Comparada ser um fenómeno relativamente recente nos meios universitários chineses, observa-se que os investigadores chineses e ocidentais se aproximam no debate

⁸ A China, o Japão e os EUA, países onde as investigações interculturais proliferam, são os pioneiros de um esforço de revitalização do conceito de literatura universal, em particular na sua componente de aproximação ocidente/oriente.

Saliente-se a este propósito o contributo de Earl Miner, professor da Universidade de Princeton — EUA e Presidente cessante da ICLA. Os seus trabalhos têm privilegiado os estudos comparados interculturais (Miner 1989), chegando a conclusões sobre as diferenças sistémicas entre a literatura ocidental (arte da representação) e a literatura chinesa/oriental (arte da expressão) (Miner 1987). Durante o exercício do seu cargo como Presidente da ICLA, dispensou grande apoio às associações asiáticas, entre as quais a de Macau, incentivando a sua participação em eventos internacionais.

⁹ Em comunicação apresentada ao I Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (1990), Han-liang Chang, da Universidade de Taiwan, traça o percurso evolutivo da aceitação das teorias ocidentais no espaço cultural chinês (RPC, Taiwan e Hong Kong) e refere a este propósito o testemunho de Harry Levin, professor da Universidade de Hong Kong:

«This kind of historical understanding is voiced tropologically by a renewed comparatist who has witnessed the institutionalization of Chinese-Western comparative literature in Taiwan and Hong Kong (where the East always meets West) with a revealing title, «What is Literatura if not comparative?» as an *invitation au voyage* for the adventurous to explore into territories of otherness.» (AW, Actas do I Congresso da APLC, Lisboa, 1990, p. 182).

teórico sendo sensíveis às mesmas problemáticas¹⁰. Por outro lado, a abertura da RPC permitiu, do lado ocidental, um maior conhecimento dessa *terra incógnita* que originou novas direcções para os estudos comparatistas.

Não devemos iludir as dificuldades que resultam do cruzamento de culturas tão diferentes e até o perigo eminente de generalizações ou entendimentos abusivos. Contudo, a possibilidade de erro não deve minimizar a importância dos estudos interculturais que poderão ser apoiados por pesquisas multidisciplinares que ajudem a confirmar os resultados das investigações em Literatura Comparada.

Ainda que avançando cautelosamente, trata-se de um trabalho que contém, na sua raiz, uma atitude que não é alheia a um certo modo de estar no mundo. O ponto de vista internacional que temos vindo a sublinhar como parte fundamental desta disciplina revela um desejo de universalidade que é afirmação dos comuns valores humanos no respeito pela diferença. Deste modo, nada há de mais emblemático do que a Associação Internacional (ICLA) que reúne à mesma mesa grupos vivencialmente antagónicos. De facto, esta disciplina vive bastante das instituições (com especial relevo para as associações) e do contributo que os seus investigadores dão ao conhecimento intercultural. As reuniões, os seminários, as publicações, todos os espaços de troca e de intercâmbio, revelam-se fundamentais, visto que, como referi, a Literatura Comparada é um território onde o debate se apresenta sempre inacabado.

Compreende-se assim que a história do aparecimento e consolidação da disciplina em cada espaço cultural coincida praticamente com as etapas do debate sobre a questão literária. É nesse sentido que apresentamos, em traços gerais, o desenvolvimento que os estudos comparatistas conseguiram nas duas últimas décadas no espaço cultural chinês (Taiwan, Hong Kong e RPC), terminando com o caso de Macau que, embora recente, perfila-se com um contributo insubstituível.

a) Taiwan

A partir de 1967, alguns professores chineses oferecem cursos de Literatura Comparada e em 1968 surge um programa de

¹⁰ A este propósito, refira-se a importante obra de John Deeney que apresenta um balanço muito actualizado das perspectivas chinesas da Literatura Comparada, afirmando:

«I believe Chinese-Western comparative studies are at a critical crossroads in both time and space. China may follow the theory and methodology of the modern West (with some of its tempting claims to universality), and/or it may seek out fresh orientations from distinctively Chinese (and, therefore, partially traditional) perspectives.» (Deney 1990:5).

doutoramento em Literatura Comparada na Universidade de Taiwan.

O ênfase dos estudos aqui desenvolvidos é dado às relações literárias oriente-ocidente, com especial destaque para a comparação entre o espaço cultural chinês e anglo-americano. Dessa aproximação resultará também um benéfico intercâmbio teórico e metodológico que contribuiu para o desenvolvimento da disciplina de acordo com as mais actuais e renovadoras perspectivas.

A Associação de Literatura Comparada de Taiwan foi formada em 1973 e nesse mesmo ano se juntou à ICLA. Contudo, desde 1970 que se publica a revista *Tamkang* onde se apresentam os resultados das investigações realizadas desde o final dos anos 60.

b) Hong Kong

Os estudos comparados começaram em 1964 no Departamento de Línguas Modernas da Universidade de Hong Kong. A partir de 1966, as pesquisas começaram a interessar-se pelas relações oriente/ocidente com especial destaque para a cultura chinesa, e em 1973 é criado o mestrado em Literatura Comparada. Em 1975, o departamento passa a designar-se Estudos Ingleses e Literatura Comparada e em 1989 muda de novo a sua designação para Departamento de Literatura Comparada, passando os estudos ingleses a existir de forma autónoma. Nesse mesmo ano, inicia-se um programa de doutoramento cuja componente dominante são os estudos de Literatura Comparada chineses-ocidentais, sendo estes últimos predominantemente ingleses.

Também a Universidade Chinesa de Hong Kong tem vindo a incentivar os estudos comparatistas promovendo encontros e conferências sobre as relações ocidente-oriente¹¹ e incentivando a vinda de professores visitantes especialistas nestas matérias.

Em 1978, foi criada a Associação de Literatura Comparada de Hong Kong (HKCLA) que nesse mesmo ano ingressou na ICLA.

c) República Popular da China

Apesar do desenvolvimento que os estudos comparatistas têm em Taiwan e Hong Kong (a ordem não é arbitrária), a atenção internacional dirige-se para a RPC sobretudo desde o final da Revolução Cultural em 1976. A abertura da China ao mundo ocidental e a sua disponibilidade para conhecer várias correntes

¹¹ Em 1979, realizou-se a 1.^a conferência sobre este tema: «East-West Comparative Literature: Theoretical and Practical Reconsiderations». Das iniciativas que se seguiram, saliente-se o simpósio que ocorreu em 1988, e cujo tema é expressivo dos seus objectivos: «East meets West: Strategies for the Nineties».

literárias contemporâneas levou a um surpreendente entusiasmo pela disciplina.

Já nas duas primeiras décadas deste século — em especial até ao movimento de Maio de 1919 — tinha havido grande interesse pelos escritores ocidentais, mas só a partir dos anos 50 surge uma razoável apetência pelos estudos comparatistas. Contudo, a falta de formação de professores e investigadores, que afectou todas as áreas durante a Revolução Cultural, impediu o desejável desenvolvimento que só veio a verificar-se nas duas últimas décadas. Muitas universidades chinesas passaram a oferecer cursos de literatura mundial (ainda que através de traduções chinesas), o que se tornou um incentivo ao aparecimento de programas de Literatura Comparada. De entre as diversas instituições onde proliferaram este tipo de estudos, destacam-se dois centros de investigação sediados na Universidade de Pequim e na Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai.

Apesar da Associação Chinesa de Literatura Comparada (CCLA) só ter sido constituída em 1985, nas duas últimas décadas ocorreram vários encontros e seminários relacionados com os estudos comparados. Durante esse período, proliferaram as associações regionais com especial destaque para a Associação de Literatura Comparada de Pequim, constituída em 1981, e para a sua congénere de Shanghai. O boletim da CCLA apareceu em 1986, fornecendo muita informação e bibliografia sobre literatura comparada no estrangeiro e na RPC.

Actualmente assiste-se a um grande intercâmbio entre RPC, Taiwan e Hong Kong, não só através da participação de investigadores da RPC nos encontros que a dinâmica associação de Taiwan regularmente promove, como através de professores visitantes convidados pelas Universidades de Taiwan e Hong Kong.

Confirmando esta aproximação assim como a abertura ao mundo ocidental, desde 1990 que se publica em versão inglesa um boletim bi-anual, *Chinese!International Comparative Literature Bulletin*, editado por seis associações do Sul da China, incluindo Guangdong e Shanghai, con juntamente com a associação de Hong Kong. Este boletim, que tem também uma edição em chinês, constitui um meio de divulgação do trabalho produzido na RPC, dando também notícia da mais importante bibliografia publicada no ocidente (e portanto conhecida na RPC), assim como encontros, seminários e congressos de âmbito internacional ou mais directamente relacionados com a perspectiva intercultural ocidente/oriente.

d) Macau

Os estudos comparatistas são muito recentes em Macau e apareceram praticamente a par da criação, em Fevereiro de 1990,

do mestrado em Estudos Luso-Asiáticos no Departamento de Estudos Portugueses da Universidade. No âmbito desse programa, vários seminários se debruçaram sobre as relações literárias oriente-ocidente e, pela primeira vez, o termo de comparação foi a Literatura Portuguesa. Da experiência dos 1.º e 2.º cursos, concluiu-se pela necessidade de criar um mestrado em Literatura Comparada que tenha essa disciplina como seminário principal¹².

Além disso, o actual *curriculum* da licenciatura em Estudos Portugueses inclui um curso anual de Literatura Comparada, o que revela um importante incentivo ao desenvolvimento desta disciplina em Macau.

A Associação de Literatura Comparada de Macau (ALCM) foi criada em Janeiro de 1990 e nela participam investigadores portugueses e chineses, como o demonstra a paridade de composição dos seus órgãos directivos. No final desse mesmo ano, realizou-se um primeiro encontro onde intervieram convidados portugueses e chineses vindos de Hong Kong e RPC. Desde essa altura, foram promovidas diversas conferências orientadas por visitantes portugueses, nomeadamente a actual Presidente da ICLA, Professora Maria Alzira Seixo, e visitantes chineses das universidades limítrofes.

Em 1991, a Associação de Macau passou a integrar a ICLA pelo que esteve representada no Congresso Internacional de Tóquio, realizado em Agosto do mesmo ano.

Como projecto mais próximo encontra-se a realização de um Seminário Internacional, organizado pelas associações do Sul da China, incluindo Hong Kong e agora Macau; ao mesmo tempo, a ALCM passará a colaborar no Boletim Internacional acima referido, o que significa integrar a Confederação das Associações de Literatura Comparada desta região.

4. O PAPEL ESTRATÉGICO DE MACAU. CONCLUSÕES

Julgo ter suficientemente demonstrado a importância deste tipo de estudos: através da literatura comparada acedemos a uma perspectiva intercultural de grande valor para a compreensão dos fenómenos sociais em geral. Além disso, este entendimento da literatura de um ponto de vista internacional, implicando respeito e

¹² O mestrado em Estudos Luso-Asiáticos possui três variantes — História, Linguística e Literatura — todas elas se integrando na perspectiva dos estudos interculturais. De momento, este programa de estudos encontra-se suspenso, embora exista uma proposta de reestruturação do actual *curriculum* que poderá servir como documento de trabalho. As conclusões mais importantes que resultaram da anterior experiência consistem na necessidade de estabelecer um programa conjunto com outros departamentos, nomeadamente Estudos Chineses, e equacionar o público-alvo, assim como a língua veicular.

interesse pelas diferenças, cria uma pedagogia de convivência entre os povos que decerto terá efeitos noutros domínios.

Acresce a este quadro o particular contributo que Macau pode dar aos estudos comparatistas. Como referi, as pesquisas até agora desenvolvidas no sentido de um confronto oriente/ocidente têm como exemplo dominante as literaturas anglo-americanas. Ora a literatura portuguesa insere-se na grande família românica, com as suas tradições e evoluções específicas, além de que existe uma marca própria na nossa cultura que não é menosprezível: embora a sua raiz seja de dominância eurocêntrica, nela confluem outros extractos civilizacionais por via dos caminhos que a história percorreu.

Conhecer e dar a conhecer as literaturas portuguesa e chinesa, neste particular espaço que é Macau, constitui uma riqueza que todos pressentimos e os investigadores não deixam de sublinhar e incentivar. Muito pouco está feito, embora os diálogos chinês-português já existam. Assim, o único caminho possível é o da investigação que só será produtiva se dentro do quadro institucional. Além do papel da Associação, que poderá manter sempre renovados os contactos com as suas congéneres e, em resultado, a troca de informações, revela-se fundamental apostar sem perda de tempo em programas de mestrado e doutoramento. Talvez consigamos recuperar o atraso apresentando como moeda de troca o nosso insubstituível contributo.

Bibliografia

- AAVV (1980) *China and the West: Comparative Literature Studies*, Hong Kong: The Chinese U Press.
- AAVV (1989) *Théorie Littérale. Problèmes et Perspectives*. Paris: PUF.
- DEENEY, John (1990) *Comparative Literature from Chinese Perspectives*. Shenyang (RPC): Liaoning U Press, col. Cultural Interflow East & West.
- GUILLEN, Cláudio (1985) *Entre lo uno y lo diverso: Introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Editorial Critica.
- KAISER, Gerhard (1980) *Introdução à Literatura Comparada*. Trad. portuguesa de Teresa Alegre. Lisboa: Gulbenkian, 1989.
- MARINO, Adrian (1988) «Comparatisme et Théorie de la Littérature». Paris: PUF.
- MINER, Earl (1987) «Some Theoretical and Methodological Topics for Comparative Literature», in *Poetics Today*. Tel Aviv Univ. Vol. 8, n.º 1, pp. 123-140.
- MINER, Earl (1989) «Etudes Comparées Interculturelles», in AAVV *Théorie Littéraire. Problèmes et Perspectives*. Paris: PUF.
- SAID, Edward (1978) *L'Orientalism*. New York: Pantheon Books.
- SALMON, Claudine (direcção) (1987) *Literary Migrations. Traditional Chinese Fiction in Asia (17-20th centuries)*. Beijing: Publishing Corporation.

